

PATRICIA CORNWELL

# SCARPETTA

Tradução  
JULIA ROMEU

**B I  
B I  
B I  
B I**

Copyright © 2008 by Cornwell Entertainment, Inc.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Scarpetta

CAPA Richard Hasselberger

FOTO DE CAPA Comstock Images/ Getty Images

PREPARAÇÃO Laura Finisguerra

REVISÃO Vivian Miwa Matsushita,  
Renato Potenza Rodrigues e Juliane Kaori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cornwell, Patricia

Scarpetta / Patricia Cornwell ; tradução Julia Romeu. —  
São Paulo : Paralela, 2012.

Título original: Scarpetta  
ISBN 978-85-65530-01-9

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-  
-americana) I. Título.

12-03218

CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-ameri-  
cana 813.0872

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.editoraparalela.com.br](http://www.editoraparalela.com.br)

[atendimentoao leitor@editoraparalela.com.br](mailto:atendimentoao leitor@editoraparalela.com.br)

Pedaços de tecido cerebral se agarravam como fiapos de lã cinza molhados às mangas do jaleco da dra. Kay Scarpetta, cuja frente estava salpicada de sangue. Serras zumbiam, água escorria e pó de osso flutuava no ar como se fosse farinha. Três mesas estavam ocupadas. Havia mais corpos a caminho. Era terça-feira, dia 1º de janeiro, o primeiro dia do novo ano.

Scarpetta não ia precisar apressar o departamento de toxicologia para saber que seu paciente havia bebido antes de puxar o gatilho da espingarda com o dedo do pé. No instante em que ela abria o homem, detectara o cheiro pútrido e pungente que o álcool exala ao ser absorvido pelo corpo. Quando Scarpetta estava fazendo sua residência em patologia forense muitos anos antes, ela costumava se perguntar se um passeio pelo necrotério assustaria alguém que bebia demais a ponto de fazer com que largasse o vício. Se ela lhe mostrasse uma cabeça aberta como se fosse um ovo quente e deixasse que a pessoa sentisse o cheiro do champanhe num corpo morto, talvez passasse a pedir só Perrier. Ah, se fosse assim tão fácil.

Ela viu o subchefe do departamento, Jack Fielding, erguer o lustroso bloco de órgãos de dentro da cavidade torácica de uma estudante universitária que fora assaltada num caixa eletrônico e levava um tiro, e esperou pela explosão dele. Durante a reunião de funcionários daquela manhã, Fielding comentara, indignado, que a vítima tinha a mesma idade de sua filha, e que ambas eram campeãs de corrida e estudavam medicina. Nada de bom acontecia quando ele levava um caso para o lado pessoal.

“A gente não afia mais os bisturis?”, gritou Fielding.

A lâmina oscilante de uma serra uivou, enquanto o assistente do necrotério abria um crânio e respondia, também aos gritos: “Parece que eu estou à toa?”.

Fielding atirou o bisturi de volta no carrinho com um estrondo. “Como é que eu posso trabalhar nesta porra de lugar?”

“Pelo amor de Deus, alguém dê um Xanax ou alguma coisa assim para esse cara.” O assistente do necrotério arrancou o tampo do crânio com um cinzel.

Scarpetta colocou um pulmão sobre uma balança, usando uma caneta eletrônica para anotar o peso num palmtop. Não havia uma caneta esfero-

gráfica, prancha ou folha de papel à vista. Quando ela subisse, só teria que passar para seu computador o que escrevera ou desenhara. Mas a tecnologia não tinha como ajudar com seu fluxo de pensamentos, e ela ainda os ditava após ter terminado tudo e tirado as luvas. Seu consultório era como o de um médico-legista moderno, acrescido daquilo que ela considerava essencial num mundo que não reconhecia mais, no qual o público acreditava em qualquer coisa “forense” que via na tv e a violência não era um problema social, mas uma guerra.

Scarpetta começou a dividir o pulmão, notando que ele tinha o formato típico, com uma pleura visceral de superfície regular e lustrosa, e um parênquima atelectásico vermelho-claro. Havia uma quantidade mínima de espuma rósea. Não havia nenhuma outra lesão visível a olho nu, e a parte vascular do pulmão estava normal. Ela fez uma pausa quando seu assistente administrativo, Bryce, apareceu, com um olhar em seu rosto jovem que misturava desdém e repulsa. Ele não tinha nojo do que acontecia ali, só ficava ofendido pelos mesmos motivos que qualquer um poderia ficar. Bryce pegou diversas toalhas de papel de um porta-toalhas. Cobrindo a mão, ele pegou o fone de um aparelho preto preso à parede, onde o botão de uma das linhas estava piscando.

“Benton, você ainda está aí?”, ele disse ao telefone. “Ela está bem aqui, segurando uma faca enorme. Imagino que já tenha anunciado os pratos do dia. A aluna da Tufts é a pior, a vida dela não valeu nem duzentas pratas. O cara era dos Bloods ou dos Crips, um merdinha desses de gangue, você precisa vê-lo no vídeo da câmera de segurança. Está em todos os canais. Jack não devia estar nesse caso. Mas alguém me pergunta alguma coisa? Ele está quase tendo um aneurisma. E o suicídio, é. O cara voltou do Iraque sem nenhum arranhão. Ele está ótimo. Tenha um Feliz Natal e uma boa vida.”

Scarpetta tirou sua proteção de rosto. Ela arrancou as luvas manchadas de sangue e atirou-as numa lata de lixo hospitalar vermelho vivo. Lavou as mãos numa pia funda de aço.

“O tempo está ruim aqui dentro e lá fora”, tagarelou Bryce para Benton, que não gostava de tagarelar. “A casa está cheia e ainda por cima Jack está deprimido e irritado, já mencionei isso? Acho que a gente devia ter uma conversa séria com ele. Quem sabe obrigá-lo a passar um fim de semana naquele hospital de Harvard onde você trabalha? Podemos ir todos como se fôssemos uma família, pedir um desconto...”

Scarpetta pegou o fone das mãos dele, removeu as toalhas de papel e atirou-as no lixo.

“Pare de implicar com Jack”, ela disse para Bryce.

“Acho que ele está tomando esteroides de novo, e é por isso que anda tão rabugento.”

Scarpetta virou as costas para ele e para todo o resto.

“O que houve?”, ela disse para Benton.

Eles haviam se falado de manhã. Se Benton estava ligando de novo poucas horas mais tarde, enquanto ela estava na sala de autópsia, não devia ser coisa boa.

“Acho que temos um problema.”

Benton dissera a mesma coisa na noite anterior, assim que ela chegara em casa vinda da cena do crime que ocorrera diante do caixa eletrônico e o encontrara vestindo o casaco, a caminho do aeroporto Logan para pegar um voo. A polícia de Nova York tinha um problema e precisava dele imediatamente.

“Jaime Berger perguntou se você poderia vir para cá”, acrescentou Benton.

Ouvir o nome daquela mulher sempre deixava Scarpetta tensa, causava-lhe um aperto no peito que não tinha nada a ver com a promotora de Nova York em si. Berger sempre estaria ligada a um passado que Scarpetta preferia esquecer.

“Quanto antes, melhor”, disse Benton. “Quem sabe o voo da uma da manhã?”

Eram quase dez horas da noite no relógio da parede. Scarpetta teria que terminar aquele exame, tomar um banho e trocar de roupa, e queria passar em casa antes. *Comida*, ela pensou. Mozzarella feita em casa, sopa de grão-de-bico, almôndegas, pão. O que mais? A ricota com manjericão fresco que Benton adorava colocar na pizza feita em casa. Ela preparara tudo aquilo e um pouco mais no dia anterior, sem ter ideia de que estava prestes a passar a virada do ano sozinha. Não teria nada para comer no apartamento deles em Nova York. Quando Benton estava sozinho, em geral pedia comida por telefone.

“Venha direto para o Bellevue”, ele disse. “Pode deixar as malas no meu escritório. Estou com sua maleta de cena do crime pronta, esperando por você.”

Scarpetta mal conseguia ouvi-lo devido ao raspar ritmado de um bisturi sendo afiado com movimentos longos e agressivos. O apito do interfone soou. Em cima do balcão, a televisão com a imagem da câmera de segurança mostrou um braço coberto por uma manga escura de camisa emergindo da janela do motorista de uma van branca, no momento em que o funcionário de um serviço de entrega apertava o botão.

“Alguém pode abrir?”, pediu Scarpetta, falando o mais alto que podia.

No andar reservado a prisioneiros do moderno Centro Hospitalar Bellevue, o fio delicado do fone de ouvido de Benton o conectava a sua esposa, que se encontrava a cerca de duzentos e cinquenta quilômetros de distância.

Ele explicou que, no fim da noite anterior, um homem fora internado na unidade de psiquiatria forense. “Berger quer que você examine os ferimentos dele.”

“Ele foi acusado de quê?”, perguntou Scarpetta.

Ao fundo, Benton podia ouvir as vozes indistintas, o barulho do necrotério — ou o que ele ironicamente chamava de “local de desconstrução”.

“De nada, por enquanto”, ele disse. “Uma pessoa foi morta ontem à noite. De uma forma incomum.”

Benton bateu na tecla da seta para baixo, fazendo subir o que estava na tela de seu computador.

“Você quer dizer que não há mandado judicial para o exame?” Scarpetta respondeu na velocidade do som.

“Ainda não. Mas ele precisa ser examinado agora.”

“Ele já devia ter sido examinado. No minuto que foi internado. Se havia alguma prova vestigial em seu corpo, a essa altura provavelmente ela já está contaminada ou perdida.”

Benton continuava batendo na seta para baixo, relendo o que estava na tela, perguntando-se como faria para abordar o assunto com ela. Pelo tom de voz de Scarpetta, percebeu que ela ainda não sabia de nada e rezou para que ninguém lhe contasse antes dele. Benton achava bom o fato de que Lucy Farinelli, a sobrinha de Scarpetta, tivesse acatado a vontade dele e o deixasse lidar com aquilo. Não que ele estivesse indo muito bem até ali.

Jaime Berger parecera estritamente profissional quando ligara para Benton alguns minutos antes e, pelo que ele deduzira, ela ainda não sabia da fofoca maldosa que estava circulando pela internet. Benton não sabia bem por que não dissera nada para ela quando tivera a chance. Mas não dissera, e deveria ter dito. Deveria ter sido honesto com Berger há muito tempo. Deveria ter explicado tudo para ela quase seis meses antes.

“Os ferimentos dele são superficiais”, disse Benton para Scarpetta. “Ele está em isolamento, se recusa a falar, se recusa a cooperar, a não ser que você venha. Berger não quer que ninguém o coaja a fazer nada, e decidiu que o exame podia esperar até que você chegasse. Como é o que ele quer..”

“Desde quando o que o prisioneiro quer importa?”

“Relações públicas, motivos políticos... E ele não é um prisioneiro, não que alguém seja considerado um prisioneiro depois que é internado aqui. Eles são pacientes.” Benton achou seu discurso incoerente, como se estivesse saindo da boca de outra pessoa. “Como eu disse, ele não foi acusado de crime

nenhum. Não tem mandado. Não tem nada. É basicamente uma intenação civil. Nós não podemos obrigá-lo a ficar aqui pelo mínimo de setenta e duas horas, porque ele não assinou um formulário de consentimento e, como eu disse, não foi acusado de nenhum crime, pelo menos não por enquanto. Talvez isso mude depois que você o examinar. Mas, neste momento, ele pode ir embora quando quiser.”

“Você está esperando que eu encontre alguma coisa que vai dar à polícia evidência suficiente para acusá-lo de assassinato? E o que você quis dizer quando falou que ele não assinou... Espere aí. Esse paciente se internou numa ala para prisioneiros com a condição de poder sair a hora que quiser?”

“Eu explico melhor quando você chegar. Não estou esperando que você encontre nada. Sem expectativas, Kay. Só estou pedindo que venha, pois é uma situação muito complicada. E Berger quer muito que você venha.”

“Apesar da possibilidade do prisioneiro já ter ido embora quando eu chegar.”

Benton detectou a pergunta que ela não ia fazer. Ele não estava agindo como o psicólogo forense imperturbável que Scarpetta conhecia havia vinte anos, mas ela não ia mencionar isso. Ela estava no necrotério, e não estava sozinha. Não ia perguntar que diabos havia com ele.

Benton disse: “Ele definitivamente não vai embora antes de você chegar”.

“Eu não entendi por que ele está aí.” Ela não ia deixar aquilo passar.

“Não temos certeza. Resumindo: quando a polícia chegou, ele insistiu em ser trazido para o Bellevue...”

“Qual o nome dele?”

“Oscar Bane. Ele disse que não ia permitir que qualquer outra pessoa além de mim fizesse a avaliação psicológica. Então fui chamado e, como você sabe, vim imediatamente para Nova York. Ele tem medo de médicos. Tem ataques de pânico.”

“Como ele sabia quem você era?”

“Ele sabe quem você é.”

“Ele sabe quem eu sou?”

“A polícia ficou com as roupas dele, mas ele diz que, se quiserem coletar qualquer prova física — e não há mandado judicial, como eu continuo enfatizando —, é você que terá que fazer. Estávamos esperando que ele se acalmasse, que concordasse em deixar que um médico local o examinasse. Impossível. Ele está mais determinado do que nunca. Diz que tem pavor de médicos. Tem odinofobia, disabiliofobia.”

“Ele tem medo de dor e de tirar a roupa?”

“E caliginefobia. Medo de mulheres bonitas.”

“Entendo. Por isso ele vai se sentir bem comigo.”

“Essa parte era para ser engraçada. Ele acha você linda e definitivamente não tem medo de você. Sou eu que devia estar com medo.”

Era verdade. Benton não queria que ela fosse para o hospital. Não queria nem que ela fosse para Nova York naquele momento.

“Deixe-me ver se eu entendi. Jaime Berger quer que eu vá para aí no meio de uma tempestade de neve e examine um paciente que está numa ala para prisioneiros, mas que não foi acusado de nenhum crime...”

“Se você conseguir sair de Boston, vai ver que o tempo está ótimo aqui. Só está frio.” Benton olhou pela janela e viu um mundo todo cinza.

“Preciso terminar de examinar meu sargento da reserva do Exército que morreu no Iraque, mas só descobriu quando chegou em casa. Vejo você no meio da tarde”, ela disse.

“Bom voo. Eu te amo.”

Benton desligou e voltou a bater na seta para baixo e depois na seta para cima, lendo e relendo, como se, com a leitura contínua, a coluna de fofocas deixasse de ser tão ofensiva, tão feia, tão odiosa. “Palavras não me atingem”, dizia Scarpetta sempre. Talvez isso fosse verdade no colégio, mas não na vida adulta. Palavras podiam machucar. Muito. Que tipo de monstro escreveria algo assim? Como ele descobrira?

Benton pegou o telefone.

Scarpetta prestava pouca atenção em Bryce enquanto ele a levava de carro ao aeroporto internacional Logan. Ele falava sem parar nisso ou naquilo desde que a pegara em casa.

Basicamente, Bryce estava reclamando do dr. Jack Fielding, dizendo para ela mais uma vez que uma pessoa voltar ao passado era como um cachorro comer o próprio vômito. Ou como a mulher de Ló, que olhou para trás e virou uma estátua de sal. As analogias bíblicas de Bryce eram infundáveis, irritantes e nada tinham a ver com suas crenças religiosas, se é que ele tinha alguma, mas eram pérolas que haviam sobrado de um trabalho da faculdade que ele fizera sobre a Bíblia como literatura.

O que seu assistente administrativo estava tentando dizer era que não se deve contratar pessoas do seu passado. Fielding era do passado de Scarpetta. Ele tinha problemas, mas quem não tem? Quando ela aceitara aquele cargo em Boston e começara a procurar por um subchefe de departamento, perguntara-se o que Fielding andaria fazendo, encontrara-o e descobrira que ele não estava fazendo muita coisa.

A opinião de Benton fora estranhamente anódina, chegando até a ser



condescendente, o que fazia mais sentido para Scarpetta agora. Ele dissera que ela estava procurando estabilidade, e que muitas vezes as pessoas caminham para trás em vez de para a frente quando estão passando por mudanças demais. Sentir vontade de contratar alguém que ela conhecia desde o início da carreira era compreensível, dissera Benton. Mas o perigo de olhar para trás era que só víamos o que queríamos ver, ele acrescentara. Víamos o que fazia com que nos sentíssemos seguros.

O que Benton escolhera ignorar era por que Scarpetta precisava se sentir segura. Seu marido não quisera nem tocar no assunto de como ela realmente se sentia em relação à vida doméstica que levava com ele, que era tão caótica e dissonante quanto sempre fora. Desde que o relacionamento deles começara, há mais de quinze anos, com um caso extraconjugal, os dois jamais haviam morado no mesmo lugar, jamais haviam conhecido o significado da convivência diária — até o verão anterior. O casamento fora uma cerimônia muito simples, no jardim atrás da casa de Scarpetta em Charleston, na Carolina do Sul, onde ela acabara de abrir um consultório próprio que então fora forçada a fechar.

Depois eles se mudaram para Belmont, Massachusetts, para ficar perto do hospital psiquiátrico onde Benton trabalhava, o McLean, e perto da cidade de Watertown, onde Scarpetta aceitara trabalhar como médica-legista chefe da região nordeste do Estado. Como a cidade não era longe de Nova York, ela achou ótima ideia os dois aceitarem o convite da Faculdade John Jay de Justiça Criminal para serem professores visitantes, o que incluía oferecer consultoria de graça à polícia de Nova York, ao Departamento Médico Legal da cidade e a unidades de psiquiatria forense como aquela de Bellevue.

“... Eu sei que esse não é o tipo de coisa que você lê e que talvez nem considere isso preocupante mas, mesmo correndo o risco de lhe irritar, preciso comentar.” A voz de Bryce penetrou os pensamentos de Scarpetta.

Ela disse: “O que não é preocupante?”.

“Ah, não precisa prestar atenção em mim. Estou só aqui, falando sozinho.”

“Desculpe. Volte a fita.”

“Eu não disse nada depois da reunião dos funcionários porque não quis tirar sua atenção de toda a merda que estava acontecendo esta manhã. Achei que era melhor esperar você acabar e aí a gente poderia ter um tête-à-tête com a porta fechada. E, como ninguém disse nada para mim, acho que eles não viram. O que é bom, certo? Como se Jack já não estivesse irritado o suficiente esta manhã. Bom, mas ele sempre está irritado, e é por isso que tem eczemas e alopecia. E, vem cá, você viu aquela ferida atrás da orelha direita dele? Passar o Natal com a família. É *maravilhoso* para os nervos.”

“Quantas xícaras de café você tomou hoje?”

“Por que o problema é sempre comigo? Sou só o mensageiro. Você fica viajando até que aquilo que estou tentando dizer atinge a massa crítica, e aí bum! Sou o vilão, adeus mensageiro. Se você for passar mais de uma noite em Nova York, por favor, me diga para eu pedir o serviço de *roaming* no celular. Devo marcar algumas aulas com aquele personal trainer que você gosta tanto? Qual o nome dele?”

Bryce pensou, colocando um dos dedos sobre os lábios.

“Kit”, ele mesmo respondeu. “Quem sabe um dia desses, quando você precisar do seu fiel trabalhador em Nova York, ele possa dar um jeito em mim. Estou com um pneuzinho.”

Bryce apertou a própria cintura.

“Mas ouvi dizer que depois dos trinta só a lipo dá jeito”, ele disse. “Posso falar a verdade?”

Bryce olhou para Scarpetta, com as mãos gesticulando tanto que pareciam estar vivas e não fazer parte de seu corpo.

“Procurei o cara na internet”, ele confessou. “Fico espantado que Benton o deixe chegar perto de você. Ele lembra aquele ator, como é o nome dele, que fez *Queer as Folk*? O jogador de futebol americano... Ele tinha um Hummer e era completamente homofóbico até ficar com Emmett, que todo mundo dizia ser a minha cara, ou o contrário, já que ele é famoso e eu não. Bom, você nunca deve ter visto essa série.”

Scarpetta disse: “Não culpe o mensageiro por quê? E, por favor, mantenha pelo menos uma das mãos no volante, já que a gente está atravessando uma tempestade. Quantos refis você pegou no Starbucks esta manhã? Vi dois copos de isopor na sua mesa. Espero que não sejam desta manhã. Lembra nossa conversa sobre cafeína? Sobre como ela é uma droga e por isso vicia?”

“É tudo sobre você”, continuou Bryce. “O que eu nunca vi antes. É muito esquisito. Em geral é mais de um famoso, entende? Porque, seja quem for o colunista, ele vaga pela cidade que nem um agente secreto canalha e esmerdeia várias celebridades ao mesmo tempo. Há pouco tempo foi Bloomberg e... ai, ai, como é mesmo o nome dela? Aquela modelo que vive sendo presa por atirar coisas nos outros? Bom, dessa vez ela é que foi atirada... para fora do Elaine’s por dizer algo obsceno para Charlie Rose. Não, espere aí. Foi Barbara Walters? Não. Estou confundindo com alguma coisa que eu vi no *The View*. Acho que a tal fulana, a modelo, estava correndo atrás daquele cantor do *American Idol*. Não, ele estava na *Ellen*, não no Elaine’s. E não era Clay Aiken nem Kelly Clarkson. Quem é o outro? O TiVo está me matando. Parece que o controle vai mudando de canal sem você encostar em nada. Isso já aconteceu com você?”

A neve parecia um enxame de mosquitos batendo no para-brisa, e os limpadores eram hipnóticos, mas inúteis. O trânsito estava lento, porém andava, e o aeroporto Logan estava a poucos minutos de distância.

“Bryce?”, disse Scarpetta, no tom que usava quando queria mandá-lo calar a boca e responder sua pergunta. “O que é preocupante?”

“Aquele site de fofocas nojento. *Quem Ver na Metrópole*.”

Ela já vira anúncios do site nos ônibus e no teto dos táxis de Nova York e sabia que o colunista anônimo era conhecido por ser perverso. Diziam que ele podia ser tanto um zé-ninguém quanto um jornalista que ganhara o prêmio Pulitzer e que se divertia horrores espalhando fofocas mesquinhas e ganhando dinheiro com isso.

“Po-dre”, disse Bryce. “Bom, eu sei que é para ser podre mesmo, mas isso é podre abaixo da cintura. Não que eu leia essas porcarias. Mas você está no meu alerta do Google, por motivos óbvios. Tem uma foto também, que é o pior. Você não saiu bem nela.”

## 2

Benton se recostou na cadeira de seu escritório, olhando para os tijolos vermelhos e feios que via pela janela, iluminados pela luz oblíqua de inverno.

“Você está com voz de resfriada”, ele disse ao telefone.

“Estou me sentindo um pouco mal hoje. Por isso só retornei agora. Não me pergunte o que fizemos ontem à noite para merecer isso. Gerald não sai da cama. E não é por um bom motivo”, disse a dra. Thomas.

Ela trabalhava com Benton no McLean. E também era sua psiquiatra. Não havia nada de estranho nisso. A dra. Thomas nascera na região oeste da Virgínia, um lugar remoto cheio de minas de carvão, e gostava de dizer: “Os hospitais são mais incestuosos que os caipiras”. Os médicos tratavam uns dos outros, assim como da família e dos amigos uns dos outros. E trepavam uns com os outros, mas de preferência não com a família e com os amigos uns dos outros. De vez em quando, casavam-se. A dra. Thomas se casara com um radiologista do McLean que examinara a sobrinha de Scarpetta, Lucy, no laboratório de neuroimagem onde ficava o escritório de Benton. A médica sabia de praticamente cada detalhe da vida de Benton. Ela fora a primeira pessoa em quem ele pensara alguns meses antes, quando se dera conta de que precisava conversar com alguém.

“Você entrou no link que eu mandei?”, perguntou Benton.

“Entrei, e a principal pergunta é: com quem você está mais preocupado? Acho que pode ser com você mesmo. O que acha?”

“Acho que isso faria de mim uma pessoa incrivelmente egoísta”, disse Benton.

“É normal se sentir guampudo, humilhado”, disse a dra. Thomas.

“Esqueci que você foi uma atriz shakespeariana numa vida progressa”, ele respondeu. “Não consigo me lembrar da última vez em que ouvi alguém se referir a outra pessoa como guampudo, e o termo não se aplica aqui. Kay não fugiu do nosso ninho de amor e caiu nos braços de outro homem. Ela foi agarrada. Se eu fosse me sentir guampudo, teria sido na época em que aconteceu. Mas não senti. Estava preocupado demais com ela. Não diga que estou protestando demais, como em *Hamlet*.”

“Só vou dizer que quando tudo aconteceu não havia plateia”, disse a dra. Thomas. “Talvez tudo se torne mais real agora que todo mundo sabe. Você contou para ela o que está na internet? Ou ela já tinha visto?”

“Não contei e tenho certeza que ela não viu. Teria ligado para me avisar. Engraçado como ela é assim.”

“É. Kay e seus heróis frágeis com pés de barro. Por que você não contou para ela?”

“Não era o momento certo.”

“Para você ou para ela?”

“Ela estava no necrotério”, disse Benton. “Preferi esperar e contar pessoalmente.”

“Vamos rever cada detalhe, Benton. Deixe-me adivinhar, você falou com ela de madrugada. Não é o que vocês sempre fazem quando estão longe um do outro?”

“Nós nos falamos de manhã.”

“Então, quando você falou com ela hoje de manhã, já sabia o que estava na internet, pois Lucy ligou para você a que horas?”, perguntou a dra. Thomas. “À uma da manhã, para lhe contar, já que a sobrinha hipomaniaca da sua esposa tem alarmes sonoros no computador, programados para acordá-la como se ela fosse um bombeiro, assim que um de seus motores de busca encontra algo importante no ciberespaço, certo?”

A dra. Thomas não estava brincando. Lucy tinha mesmo alarmes que apitavam quando um de seus motores de busca encontrava algo que ela precisava saber.

Benton disse: “Na verdade ela me ligou à meia-noite. Quando essa droga foi postada”.

“Mas ela não ligou para Kay.”

“Devo fazer justiça a ela e admitir que não ligou, e que concordou quando eu disse que lidaria com a situação.”

“Mas você não lidou”, disse a dra. Thomas. “Então, voltemos a isso. Você falou com Kay hoje de manhã, e àquela altura já sabia há várias horas o que estava na internet? Mas não disse nada. Mesmo assim, não disse nada. Não acho que seja porque quer contar para ela pessoalmente. É uma pena, mas há uma boa chance de ela descobrir por outra pessoa além de você — se é que isso já não aconteceu.”

Benton deu um suspiro fundo e silencioso. Ele comprimiu os lábios e se perguntou quando fora, exatamente, que começara a perder a fé em si mesmo e sua habilidade de interpretar o ambiente à sua volta e reagir de acordo. Desde sempre, possuía a misteriosa capacidade de avaliar pessoas após vê-las uma vez ou escutar o que diziam por poucos instantes. Scarpetta dizia que era o truque dele. Benton era apresentado a alguém ou ouvia um pedaço de conversa sem querer, e pronto. Ele raramente se enganava.

Mas nem vislumbrara o perigo que estava à espreita daquela vez e ainda

não compreendera bem como pôde ter sido tão arrasadoramente obtuso. Benton observara a raiva e a frustração de Pete Marino aumentar ao longo dos anos. Ele sabia muito bem que era questão de tempo até que a fúria de Marino e o ódio que ele sentia dele mesmo transbordassem. Mas Benton não sentira medo daquilo. Não achara que Marino merecia ser temido dessa forma. Talvez jamais houvesse imaginado que Marino tinha um pau. Até que ele virou uma arma.

Olhando para trás, não fazia sentido. Para quase todos os outros, era impossível ignorar o machismo tosco e a volubilidade de Marino, e aquela mistura era o elemento que Benton encontrava com maior frequência nos casos que analisava. A violência sexual, não importava com que catalisador, era o que fazia com que os psicólogos forenses nunca ficassem desempregados.

“Ando fantasiando sobre matar Marino”, disse Benton. “É claro que jamais faria isso. São só fantasias. Muitas fantasias. Eu acreditava que o havia perdoado e sentia orgulho de mim mesmo, muito orgulho de mim mesmo, pela maneira como lidei com isso. Onde ele estaria sem mim? Fiz tanta coisa por ele e agora quero matá-lo. Lucy quer matá-lo. O lembrete desta manhã não ajudou, e agora todo mundo sabe. Isso fez com que tudo acontecesse de novo.”

“Ou talvez com que acontecesse pela primeira vez. Agora, virou realidade para você.”

“Mas já era realidade. Sempre senti que era”, disse Benton.

“Mas é diferente quando você lê sobre isso na internet e sabe que um milhão de pessoas está lendo também. É um nível diferente de realidade. Você finalmente está tendo uma reação emocional. Antes, era intelectual. Por autodefesa, você processou isso na sua cabeça. Acho que você deu um passo muito importante, Benton. E muito desagradável. Lamento por isso.”

“Ele não sabe que Lucy está em Nova York e se ela o vir...” Benton interceptou o próprio pensamento. “Bom, isso não é verdade. Ela não pensaria realmente em matar Marino, porque já passou por isso. Já deixou isso para trás há muito tempo. Ela não o mataria, fique sabendo.”

Benton observou o céu cinzento mudar sutilmente o tom de vermelho dos velhos tijolos que via da janela e, quando se remexeu na cadeira e coçou o queixo, sentiu seu próprio cheiro de homem e a aspereza da barba por fazer que Scarpetta sempre dizia ter a cor da areia. Benton passara a noite inteira acordado, nem saíra do hospital. Precisava de um banho. Precisava fazer a barba. Precisava comer e dormir.

“Às vezes, eu me pego de surpresa”, ele disse. “Quando digo coisas assim sobre Lucy, por exemplo. É literalmente uma reflexão e um lembrete da vida distorcida que eu levo. A única pessoa que jamais quis matar Marino é Kay.

Ela ainda acha que tem culpa, não sei como, e isso me deixa com raiva. Com muita raiva, só isso. Evito tocar no assunto com ela, e deve ser por isso que eu não disse nada. A porra do mundo todo está lendo sobre isso na porra da internet. Estou cansado. Passei a noite acordado com uma pessoa sobre quem não posso falar, e que vai ser o maior problema.”

Benton parou de olhar pela janela. Ficou sem olhar para nada.

“Agora, estamos chegando a algum lugar”, disse a dra. Thomas. “Estava me perguntando quando você ia parar de falar bobagens e dizer que é um santo. Você está puto da vida e não é nenhum santo. Não existe santo, aliás.”

“Puto da vida. É, estou puto da vida.”

“Puto com ela.”

“É, estou mesmo”, disse Benton, e admitir aquilo o assustava. “Sei que não é justo. Meu Deus, foi ela que saiu machucada. É claro que ela não pediu para isso acontecer. Ela tinha trabalhado com ele por metade da vida, então por que não o deixaria entrar em sua casa quando ele estava bêbado e não pensava direito? É isso que os amigos fazem. Mesmo sabendo o que ele sentia por ela, não foi culpa dela.”

“Ele desejou-a sexualmente no minuto em que a conheceu”, disse a dra. Thomas. “Igualzinho a você. Ele se apaixonou por ela. Assim como você. Eu me pergunto quem terá se apaixonado primeiro? Vocês dois a conheceram mais ou menos na mesma época, não? Em 1990?”

“Ele a desejava... Bom, isso já estava acontecendo havia muito tempo, é verdade. Ele tinha esse sentimento, mas ela evitava o assunto e fazia de tudo para não magoá-lo. Posso sentar aqui e analisar a situação o quanto quiser, mas sinceramente...”

Benton estava olhando pela janela de novo, conversando com os tijolos.

“Ela não podia ter feito nada diferente”, ele disse. “O que ele fez com Kay não foi culpa dela, de jeito nenhum. De muitas maneiras, não foi culpa dele. Marino jamais faria aquilo sóbrio. Nem de longe.”

“Você certamente parece convencido disso”, disse a dra. Thomas.

Benton desviou o olhar da janela e voltou-se para o que estava na tela de seu computador. Depois olhou para a janela de novo, como se o céu frio e plúmbeo fosse uma mensagem para ele, uma metáfora. Removeu um clipe de papel de um artigo de revista que estava revisando e grampeou as páginas, subitamente furioso. A Sociedade Americana de Psicologia provavelmente não ia aceitar mais uma droga de artigo científico sobre reações emocionais a membros de exgrupos. Alguém de Princeton acabara de publicar mais ou menos a mesma porcaria que Benton estava prestes a oferecer. Ele desdobrou o clipe. O desafio era transformá-lo numa linha reta sem deixar nenhuma dobrinha. No fim, eles sempre acabavam arrebrandando.

“Logo eu, tão irracional”, ele disse. “Tão fora do ar. E eu fui, mesmo. Desde o início. Irracional em relação a tudo, e estou prestes a pagar por isso.”

“Você está prestes a pagar por isso porque outras pessoas sabem o que seu amigo Pete Marino fez com ela?”

“Ele não é meu amigo.”

“Achei que era. Achei que você achava que era”, disse a dra. Thomas.

“Nunca socializamos. Não temos nada em comum. Jogar boliche, ir pescar, andar de moto, ver jogo de futebol americano e beber cerveja. Bom, cerveja não. Não mais. É Marino que faz isso. Não eu. Agora que estou parando para pensar, não me lembro de jamais ter saído para jantar com ele, só nós dois. Nem uma vez em vinte anos. Não temos nada em comum. Nunca vamos ter nada em comum.”

“Ele não é de uma família elitista da Nova Inglaterra? Nunca fez pós-graduação, nunca ajudou o FBI a traçar perfis de criminosos? Não é professor da Faculdade de Medicina de Harvard? É isso que você quer dizer?”

“Não estou tentando ser esnobe”, disse Benton.

“Parece-me que vocês dois têm Kay em comum.”

“Não desse jeito. Nunca chegou a esse ponto.”

“Até onde precisava ter chegado?”

“Kay me disse que nunca chegou a esse ponto. Ele fez outras coisas. Quando ela finalmente tirou a roupa na minha frente eu pude ver o que ele fez. Kay deu desculpas durante alguns dias. Mentiu. Eu sabia muito bem que ela não tinha fechado a porta da garagem em cima dos pulsos.”

Benton se lembrou dos hematomas como nuvens carregadas, com o formato exato que teriam após alguém prender as mãos dela atrás de seu corpo e segurá-la contra a parede. Ela não oferecera qualquer explicação quando Benton finalmente vira seus seios. Ninguém jamais fizera nada parecido com ela antes, e ele jamais vira algo assim a não ser nos casos em que trabalhava. Benton sentou na cama e ficou olhando para ela, sentindo como se um cretino monstruoso tivesse mutilado as asas de uma pomba ou lacerado a pele delicada de uma criança. Ele imaginara Marino tentando devorá-la.

“Você já teve ciúmes de Marino?” A voz da dra. Thomas soou distante enquanto Benton pensava nas chagas de que não queria se lembrar.

Ele respondeu quase sem perceber: “O que é ruim, eu acho, é que eu sempre fui mais ou menos indiferente a ele”.

“Ele já passou muito mais tempo com Kay que você”, disse a dra. Thomas. “Isso poderia fazer com que algumas pessoas tivessem ciúmes. Se sentissem ameaçadas.”

“Kay jamais sentiu atração por ele. Não teria sentido nem se ele fosse o último homem do planeta.”



“Acho que não vamos saber a resposta a essa pergunta até que só haja eles dois no planeta. E, nesse caso, eu e você ainda assim não saberemos.”

“Eu deveria tê-la protegido melhor”, disse Benton. “Isso é uma coisa que eu sei fazer. Proteger as pessoas. Aquelas que eu amo, a mim mesmo, pessoas que eu não conheço. Enfim, não importa. Sou especialista nisso, ou já estaria morto há muito tempo. Muita gente estaria.”

“Sim, James Bond, mas você não estava em casa naquela noite. Estava aqui.”

As palavras da dra. Thomas tiveram o mesmo efeito que um soco. Benton suportou em silêncio, mal conseguindo respirar. Ele mexeu no clipe de papel, entortando e desentortando, até que ele quebrou.

“Você se culpa, Benton?”

“Já falamos disso. E eu não dormi nada esta noite”, ele respondeu.

“É, já falamos de muitos fatos e muitas possibilidades. Por exemplo, você nunca se deu a chance de sentir o insulto pessoal que foi o que Marino fez com Kay, com quem você rapidamente se casou depois. Talvez rapidamente demais? Porque você sentiu que tinha que manter tudo estruturado, principalmente porque não a protegeu, não impediu aquilo de acontecer. É bem parecido com o que acontece quando você cuida de um caso criminal. Você assume o comando da investigação, cuida de tudo, controla cada detalhe, mantém tudo a uma distância segura de sua psique. Mas essas regras não se aplicam à nossa vida pessoal. Você me disse que fantasia sobre matar Marino, e nas nossas últimas conversas falamos sobre o que você chama de sua reação sexual em relação a Kay, embora ela não necessariamente esteja consciente disso, certo? Assim como não está consciente de que você está encarando outras mulheres de uma maneira que lhe perturba. Isso ainda é verdade?”

“É normal os homens se sentirem atraídos e não fazerem nada.”

“Só os homens fazem isso?”, perguntou a dra. Thomas.

“Você entendeu o que eu quis dizer.”

“Do que Kay tem consciência?”

“Estou tentando ser um bom marido”, disse Benton. “Amo Kay. Estou apaixonado por ela.”

“Está com medo de ter um caso? De trair?”

“Não. De jeito nenhum. Eu jamais faria isso.”

“Não. Não. Nunca. Você traiu Connie. Largou-a para ficar com Kay. Mas isso já faz muito tempo, não?”

“Nunca amei ninguém tanto quanto amo Kay”, disse Benton. “Eu jamais me perdoaria.”

“Minha pergunta é se você tem completa confiança em si mesmo.”

“Não sei.”

“Você tem completa confiança nela? Ela é muito bonita e agora deve ter muitos fãs por causa da CNN. Uma mulher atraente e poderosa pode escolher o homem que quiser. E o personal trainer dela? Você já disse que não aguenta pensar nele colocando as mãos nela.”

“Fico feliz por ela estar se cuidando, e um personal trainer é uma coisa boa. Impede que as pessoas se machuquem, principalmente se nunca tiverem feito musculação antes e não tiverem mais vinte anos de idade.”

“Pelo que eu me lembro, ele se chama Kit.”

Benton não gostava de Kit. Ele sempre encontrava desculpas para não usar a academia que havia no condomínio deles se Scarpetta estivesse se exercitando com Kit.

A dra. Thomas disse: “A verdade é que, não importa se você confia ou não em Kay, isso não vai mudar o comportamento dela. É ela que controla isso, não você. Estou mais interessada em saber se você confia em si mesmo”.

“Não sei por que você insiste nisso”, disse Benton.

“Desde que vocês se casaram, seus padrões sexuais mudaram. Pelo menos foi isso que você me disse na primeira vez em que nós conversamos. Você arruma desculpas para não fazer sexo quando a oportunidade aparece, e depois tem vontade no momento em que, aspas, não deve. De novo, foi você quem me disse. Ainda é verdade?”

“Provavelmente”, disse Benton.

“Essa é uma maneira de se vingar dela.”

“Não estou me vingando dela por causa de Marino. Jesus Cristo. Ela não fez nada de errado”, Benton tentou não soar furioso.

“Não”, disse a dra. Thomas. “Acho mais provável que você esteja se vingando dela por ser sua esposa. Você não quer uma esposa. Nunca quis, e não foi por isso que você se apaixonou. Você se apaixonou por uma mulher poderosa, não por uma esposa. Tem desejo sexual por Kay Scarpetta, não por uma esposa.”

“Ela é Kay Scarpetta e também é minha esposa. Na verdade, de muitas maneiras, ela é mais poderosa agora do que jamais foi.”

“Não somos nós aqui que precisamos ser convencidos disso, Benton.”

A dra. Thomas sempre dava a Benton um tratamento especial, ou seja, era mais agressiva e confrontadora com ele do que com seus outros pacientes. Ela e Benton tinham uma característica em comum que ia além do elo terapêutico que os ligava. Um compreendia como o outro processava informação, e a dra. Thomas sabia muito bem como ver através da camuflagem linguística. Negação, evasão e comunicação passiva simplesmente não eram opções. Longas sessões de análise em que o psiquiatra ficava olhando em

silêncio para o paciente e esperando que ele começasse a falar do que estava lhe incomodando não iam acontecer. Um minuto de vácuo e ela provocaria Benton como fizera da última vez: “Você veio até aqui para que eu admirasse sua gravata Hermès? Ou está com alguma coisa na cabeça? Acho que a gente deve continuar de onde parou da última vez. Como anda sua libido?”

“E Marino?”, perguntou a dra. Thomas. “Você vai conversar com ele?”

“Provavelmente não”, disse Benton.

“Bom, parece que você tem muita gente com quem não conversar, e eu vou deixá-lo com minha excêntrica teoria de que, em algum nível, tudo o que fazemos é intencional. Por isso é extremamente importante desenterrar nossas intenções antes que elas nos enterrem. Gerald está me esperando. Temos umas coisinhas para resolver. Vamos dar um jantar hoje à noite, o que é a última coisa de que estamos precisando.”

Era a maneira dela de dizer “chega”. Benton precisava pensar em tudo o que fora dito.

Ele se levantou da cadeira e ficou de pé diante da janela de seu escritório, observando aquela tarde de inverno cor de chumbo. Dezenove andares para baixo, o jardim do hospital estava repleto de plantas mortas e a fonte de concreto, seca.